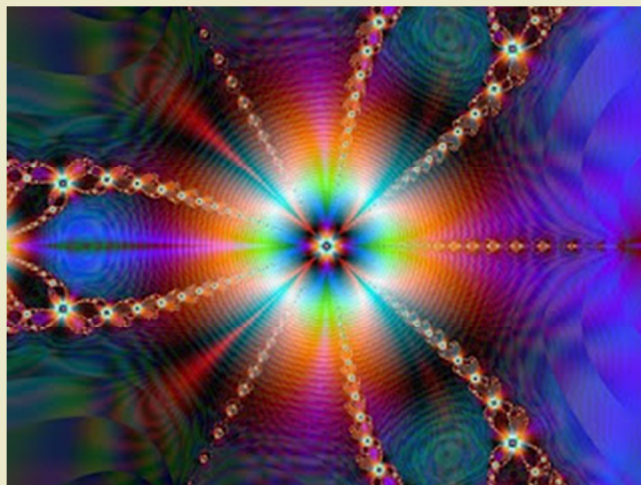


## MANIFESTAÇÕES DE FUNDO UMBANDISTA NO MEIO ESPÍRITA



Para um bom entendimento, é **FUNDAMENTAL** a leitura atenta e a reflexão profunda sobre cada linha aqui escrita, antes de qualquer manifestação precipitada e formação de juízo de valor a respeito do título deste artigo, lembrando que existe uma inteligência primária, causadora de todas as coisas, e que nada acontece por acaso. Como espíritas, precisamos, em primeiro lugar, ser fiéis à Doutrina codificada por Allan Kardec, pois nos baseamos na fé raciocinada e, por isso mesmo, respeitamos profundamente todas as religiões.

O Espiritismo e a Umbanda não se

confundem como doutrinas, apesar de ambas encontrarem conseqüências e direção filosófica e religiosa oriundas de mensagens mediúnicas, porém, ambas, são doutrinas absolutamente distintas e individualizadas, segundo seus fundamentos e práticas.

Muitos teimam em nominar a Doutrina Espírita de "mesa branca", contudo, qualquer adjetivação é inadequada quando se quer fazer referência à Terceira Revelação. Não existe Espiritismo de mesa branca, azul, amarela ou verde. O Espiritismo dispensa qualquer expressão que se aproxime mais dos sentidos materiais que dos apelos do espírito, como: identificá-lo por gradações de cor, destacar títulos de progresso terrestre nas manifestações mediúnicas, expressões dogmáticas e, acima de tudo, entender que a Doutrina Espírita não se divide, posto que são os homens que se dividem em numerosas religiões.

Não é nossa intenção difundir conceitos radicalizados, desconsiderando outras práticas mediúnicas. Porém, sim, esclarecer

o aspecto inexpugnável da Revelação Espírita. Não vamos nos precipitar em definições apriorísticas e, muito menos, expressarmos a malícia para disseminar as cogitações aqui consignadas. Contudo, colimamos a busca da luz sublimada da fé raciocinada, como um impositivo da boa prática espírita. Portanto, muito longe de posições policialescas, não transigiremos com os legítimos princípios doutrinários e evangélicos e, se muitos confrades incautos perseverarem na incompreensão, convém que recorram ao Mestre do Amor, pedindo-Lhe esclarecimento e iluminação, para que não fiquem presos nas malhas da ilusão, até porque, Jesus afirmou que o trigo crescerá ao lado do joio em sua seara. Considerando que são raros, ainda, os Centros Espíritas que se podem entregar à prática mediúnica, com plena consciência da tarefa que têm em mãos, destarte, é aconselhável e prudente, segundo Emmanuel, "a intensificação das reuniões de estudos, a fim de que os centros não venham a cair no desânimo ou na incompreensão, por causa de um prematuro

comércio com as energias do plano invisível." (1)

As teses emmanuelinas explicam que nas Casas Espíritas os médiuns são úteis, mas não indispensáveis. Por falta de base moral, são muitos os que se afastam das reuniões, quando elas não apresentam fenômenos. É óbvio que assim procedem por plena inabilitação para o legítimo trabalho do Espiritismo, razão pela qual, é melhor que se afastem, temporariamente, dos trabalhos mediúnicos, antes de assumirem qualquer compromisso.

O tema que apresentamos tem como alvo os médiuns contumazes que se deixam influenciar por entidades que se manifestam com trejeitos e linguagens extemporâneos (de pretos-velhos, de caboclos, de índios, de germânicos, etc.). Vale ressaltar que essas entidades se apresentam segundo suas criações mentais individuais. Foram pretos-velhos, caboclos, índios, etc. mas, na espiritualidade, não estão mais em tais condições. É óbvio que esse hábito não é conveniente nas Casas Espíritas, e é de se

estranhar que médiuns estudiosos e sinceros, continuem com suas consciências escravizadas, incidindo no velho erro da idolatria. Amá-los é uma coisa; Idolatrá-los é outra.

Em face dessa teimosia, cabe-nos defender a fidelidade a Kardec, sem transigir um milímetro com os princípios espíritas. A prática mediúnica não se constitui tão-somente da movimentação das energias psíquicas em suas expressões fenomênicas e mecânicas, porque exige o trabalho da vigilância e o sacrifício do coração, onde a luz da comprovação e da referência é a que nasce da consciência, do entendimento e da aplicação do Evangelho. Segundo Emmanuel que acrescenta: "O primeiro inimigo do médium reside dentro dele mesmo, é o personalismo, é a ambição, a ignorância ou a rebeldia no voluntário desconhecimento dos seus deveres à luz do Evangelho. O segundo inimigo encontra-se no próprio seio das organizações espiritistas, constituindo-se daquele que se convenceu quanto aos fenômenos, sem se

converter ao Evangelho pelo coração, trazendo para as fileiras do Consolador os seus caprichos pessoais, opiniões cristalizadas no endurecimento do coração, sem reconhecer a realidade de suas deficiências e a exigüidade dos seus cabedais íntimos." (2)

Um confrade nos indagou sobre qual opinião nutríamos a respeito da "incorporação" de pretos-velhos e caboclos nas casas de orientações espíritas. Dissemos que Espíritos que se apresentam como caboclos e pretos-velhos nos terreiros possuem muito pouco ou quase nada de si mesmos para ensinar, em termos de moral espírita, "que abre horizontes novos à Ciência e à Religião, de modo a desfazer a multimilenária noite da ignorância". A rigor, duas são as formas pelas quais Espíritos de caboclos ou pretos-velhos podem entrar numa Casa Espírita: ou para receber ajuda, se ainda estiverem necessitados; ou para aprender coisas novas. Obviamente, devemos ter respeito, atenção, carinho, amor, sincero desejo de

ajudar, porém essa não é uma recomendação isolada para Espíritos de caboclos e pretos-velhos. Isso vale para toda comunicação mediúnica. Afirma-se que a indumentária de "preto-velho" é, unicamente, o morfismo com que o espírito por trás daquele, utiliza-se naquele instante para que possa alcançar a seu objetivo. Será mesmo?... Que objetivo?... Dizem que por trás desses estereótipos (preto-velho, caboclo) podem estar "médicos", "filósofos", "poetas", etc., que apenas se utilizam de tais "vestes" para ensinarem melhor (!...). Nada mais estranho do que se dar crédito a essas crenças. Até porque, o pensamento é a linguagem, por excelência, no mundo espiritual e a forma e trejeitos no falar e agir são acessórios desnecessários. E o pior da história é que muitos confrades, que não estudam Kardec, crêem que é sintoma de boa mediunidade ser instrumento de "preto-velho". Ora, não há pretos-velhos, nem brancos-velhos, uma vez que todos são Espíritos. Por isso, devemos ter toda cautela com esses

atavismos.

Ressaltamos que as tradições das práticas mediúnicas africanas e ameríndias não sofrem discriminação entre os espíritas estudiosos, nem consideramos os Espíritos de índios e negros, de todo, involuídos, porém, ignorantes. Sim, porque se fossem mais evoluídos ou se não fossem ignorantes, não enclausuravam a mente em fantasiosas concepções no reino da verdade. Sabemos que há várias conotações para a palavra "ignorante": que desconhece a existência de algo; que não está a par de alguma coisa - sem malícia; puro, inocente - que ou quem não tem conhecimento por não ter estudado, praticado ou experimentado, e, finalmente, - incompetente, inexperiente, mal-educado, grosseiro, pretensioso, presunçoso. Cumpre, a todos, entendê-la pelo sentido mais agradável, pois ainda é muito forte a nossa tendência em senti-la desagradável, este é o problema. Todos nós, com maior ou menor intensidade, poderemos prestar concurso fraterno a essas entidades tão necessitadas



de desprendimento e evolução, pois a doutrina nos esclarece que a cooperação do magnetismo humano pode influir mais intensamente, em benefício dos necessitados que se encontram cativos das zonas de sensação, na Crosta do Mundo. Não há preconceito nas sessões espíritas. Procura-se manter o respeito às entidades, à mediunidade e à Doutrina Espírita, buscando a coerência com a verdade que já identificamos nos preceitos kardecianos. Em verdade, Espíritos que se mostram no Além, como antigos escravos africanos, ou como indígenas, podem falar normalmente, sem trejeitos. Por que não verbalizar em português, uma vez que o médium capta o pensamento da entidade e reveste-o com palavras? Não obstante bondosos e sinceros nas suas convicções, humildes e delicados em suas expressões, aguardam o concurso das esferas superiores para se autolibertarem das lembranças que os prendem ao passado e não é justo alimentarmos barreiras, fazendo com que energias auxiliadoras sejam desperdiçadas.

Antropólogos se referem a certo "abrasileiramento" do Espiritismo, pelo fato de que, aqui, a população desfruta de uma "intimidade" em lidar com entidades de terreiros. Não podemos aceitar a idéia de um Espiritismo à brasileira. Isso seria um pensamento extremamente sincrético, encharcado de várias práticas do catolicismo popular e das religiões afro-brasileiras. Apesar de o Espiritismo ter sido difundido no Brasil, confrontando-se com uma cultura religiosa já consolidada, hegemônica e, portanto, conformadora do ethos nacional, não sofreu e nem poderia ter sofrido as interferências do catolicismo popular e das religiões de possessão de matriz afro-brasileiras.

Segundo pesquisadores, alguns adeptos do Espiritismo se posicionaram contra a pureza doutrinária e se aproximaram do mediunismo popular, fundando uma nova religião ao longo do século XX, ou seja: a Umbanda. É demonstrar ignorância suprema afirmar que crenças como o Candomblé, a Quimbanda, a Umbanda

sejam "ramificações" da Doutrina Espírita. O Espiritismo não possui ramificações ou subdivisões. Seu corpo doutrinário está contido nas Obras Básicas codificadas por Allan Kardec. Essas crenças, às quais nos referimos, possuem origens bastante distintas do Espiritismo, embora compartilhem alguns conceitos que são comuns não só ao Espiritismo, mas às várias correntes espiritualistas.

Não podemos nos acomodar com um Espiritismo "à moda da casa" que vários centros adotam, fugindo das lições de Allan Kardec. A base teórica com que analisamos uma prática eminentemente Espírita tem, como pilotes, o material da Codificação, com o qual podemos separar as práticas espiritualistas estranhas das práticas eminentemente espíritas. Nestas reflexões, não é nossa intenção nos posicionarmos quais "policiais ou fiscais" do Espiritismo, por não aceitarmos uma ou outra prática mediúnica nas Casas Espíritas, fora do projeto kardeciano. Destacamos, apenas, que qualquer análise crítica construtiva é

uma necessidade para a sã divulgação  
espírita e para um legítimo comportamento  
na manutenção dos fundamentos da  
Terceira Revelação.

Jorge Hessen

E-Mail: [jorgehessen@gmail.com](mailto:jorgehessen@gmail.com)

Site: <http://jorgehessen.net>

#### FONTES:

(1) Xavier, Francisco Cândido. O  
Consolador, ditado pelo Espírito  
Emmanuel, RJ: Ed FEB, 1997.

(2) Xavier, Francisco Cândido. O  
Consolador, ditado pelo Espírito  
Emmanuel, RJ: Ed FEB, 1997.